



Perfil das habilidades semânticas na oralidade de sujeitos com deficiência intelectual

Profile of semantic abilities in speech of individuals with intellectual disability

Gabriela de Souza Lima PEREIRA¹ | Ana Carla Estellita VOGLEY² |
Wagner Teobaldo Lopes de ANDRADE³

Resumo: O baixo funcionamento cognitivo antes dos 18 anos de idade é diagnosticado como Deficiência Intelectual (DI). Pessoas com essa deficiência podem apresentar limitações na habilidade comunicativa, especialmente em relação aos aspectos semânticos, restringindo o processo de aprendizagem e prejudicando a inclusão escolar e social dos sujeitos. Assim sendo, o objetivo do presente estudo foi investigar o desenvolvimento semântico na linguagem oral de sujeitos com DI. Participaram 10 sujeitos com DI, de ambos os gêneros, e idade entre 7 e 10 anos. Foi utilizado, para avaliar o desenvolvimento semântico, o Teste de Linguagem Infantil ABFW na área de vocabulário. Observou-se que os sujeitos apresentam 65% de designações usuais no uso das palavras. Em compensação, apresentaram 26,29% de processos de substituição na nomeação das palavras, tendo uma predominância para a substituição do tipo co-hipônimo próximo, na categoria de palavras de vestuário e meios de transportes e, ainda, houve uma predominância na substituição de palavras da categoria semântica de animais para o processo do tipo modificação da categoria gramatical. Conclui-se que os sujeitos com DI possuem déficits da representação lexical das palavras, necessitando de acompanhamento fonoaudiológico para a organização cognitiva do vocabulário, colaborando para o processo de inclusão escolar e socialização desses sujeitos.

Palavras-chave: Educação do Deficiente Mental. Pessoas com Deficiência Mental. Semântica. Desenvolvimento da linguagem.

Abstract: The low cognitive functioning of individuals under 18 years is diagnosed as Intellectual Disability (ID). Individuals with ID may have limitations in communication skills, especially in relation to semantic aspects, restricting the learning process and developing impairments in the educational and social inclusion of these individuals. Taking these features into consideration, this study aims to investigate the semantic development in oral language of individuals with ID. A total of 10 individuals with ID of both genders and aged between 7-10 years were part of this study. It was used to evaluate the semantic development of these individuals data was gathered from the application of the Child Language Test - ABFW, in the lexical field. It was observed that the target individuals are able to employ 65% of usually used words. In contrast to that, they showed 26.29% when working with substitution processes in the naming of words with predominance of the close co-hyponym type word in the category of clothing and means of transportation, besides those aspects there was predominance in the replacement of words of the semantic category

1 Fonoaudióloga. Especialista em Fonoaudiologia Educacional pela Faculdade Redentor/Instituto de Desenvolvimento Educacional (IDE Cursos).

2 Fonoaudióloga. Doutora em Linguística (UFPB). Professora Adjunta I do Departamento de Fonoaudiologia da UFPB.

3 Fonoaudiólogo. Doutor em Linguística (UFPB). Professor Adjunto I do Departamento de Fonoaudiologia da UFPB.

of animals in the process of modification of grammatical category. It can be concluded that individuals with ID have deficits of lexical representation, requiring speech therapy for the cognitive organization of vocabulary, contributing to the process of school inclusion and socialization of these individuals.

Keywords: Education. Intellectual Disability. Mentally Disabled Individuals. Semantics. Language Development.

Introdução

A Deficiência Intelectual (DI) é conhecida por um baixo funcionamento cognitivo e/ou intelectual da criança em relação à média, quanto ao coeficiente intelectual (QI), manifestada antes dos 18 anos de idade, estando associada a limitações adaptativas na habilidade da comunicação diante dos aspectos linguísticos, comportamentais, atencionais e cognitivos. Portanto, apresentam dificuldades nas habilidades que vão além da comunicação, como as de autocuidado, saúde, segurança, determinação, adaptação social e o uso da linguagem em funções educacionais.

Então, este estudo surgiu da necessidade de conhecer as características da linguagem oral dos sujeitos com DI, em seu aspecto semântico, uma vez que esta habilidade é de grande relevância para o desenvolvimento linguístico no âmbito socioeducacional.

Considerando os vários sistemas linguísticos (fonológico, morfossintático, semântico e pragmático) que funcionam interligados, destaca-se, neste estudo, a competência semântica, por ser fundamental para a funcionalidade da comunicação, estabelecendo um favorecimento do acesso e/ou uso do vocabulário semântico na linguagem oral junto aos familiares. Assim, os sujeitos com DI podem ser mais facilmente incluídos no meio social e educacional. Essas habilidades linguísticas possibilitam o desenvolvimento do conhecimento de mundo e o uso funcional desses conceitos na aprendizagem acadêmica, promovendo o desenvolvimento das capacidades cognitivas e intelectuais disponíveis para uma boa qualidade de vida e educacional.

Além disso, é escassa a literatura acerca da influência desse aspecto linguístico no desenvolvimento da linguagem oral infantil, considerado fundamental pelo fato de que é através do aspecto semântico que a criança adquire a conceituação e o significado dos objetos e das ações que fazem parte do vocabulário comunicativo inserido no meio social e educacional.

Embora os outros aspectos linguísticos, como o fonológico, pragmático e morfossintático, sejam essenciais ao desenvolvimento da linguagem infantil, não constituem objeto deste estudo. No entanto, considera-se a necessidade de serem retomados tais níveis linguísticos em outros estudos.

A aquisição das competências linguísticas é influenciada por fatores contextuais que interferem na aquisição e no uso da linguagem. Logo, são executadas intenções comunicativas através da linguagem oral que, combinadas às regras linguísticas, relacionadas ao

reconhecimento dos sons que compõem uma palavra, promoverão o uso funcional da intenção da palavra, dentro de um discurso comunicativo (FERNANDES, 2003).

De acordo com Zorzi (2002), no desenvolvimento linguístico, a criança passa a formular hipóteses e a construir sua própria língua com base nos aspectos fonológicos, morfológicos, semânticos e pragmáticos adquiridos no processo de desenvolvimento da linguagem oral infantil. Deste modo, Acosta *et al.* (2006) afirmam que a criança adquire inicialmente os aspectos semânticos e pragmáticos que compõem o conteúdo interacional da linguagem comunicativa, antes de se focalizar nos aspectos morfológicos e sintáticos que, por sua vez, estruturam os códigos para a comunicação.

No entanto, os mesmos autores ressaltam que as investigações acerca do desenvolvimento semântico buscam elucidar de que forma é adquirido o significado das palavras pelas crianças. Nessa perspectiva, é necessário entender como e com que velocidade acontece o aumento do léxico da criança e, especialmente, quais processos caracterizam o uso das palavras.

Para isso, é importante saber que o aspecto semântico da linguagem tem uma relação direta com a intencionalidade em comunicar-se pelo desejo em expressar alguma informação ou sentimento que possui, fazendo uso de um conteúdo, composto pela linguagem expressa através das relações semânticas ou dos significados das palavras. Dessa forma, a linguagem expressa será tudo aquilo que se tem conhecimento na vida mental, gerado pela forma de significados, tornando a expressão algo comunicável e com sentido para o interlocutor (ZORZI, 2002).

Já Oliveira (2001) afirma que a semântica busca descrever o significado das palavras e das expressões sentenciais, mas para definir e entender melhor esse conceito é necessário se ter consciência das dificuldades em utilizar e descrever as falas em diferentes situações, já que será preciso saber a intenção do uso linguístico e não linguístico, das palavras no discurso, pelo interlocutor.

De acordo com Tonietto *et al.* (2007), a competência semântica intervém tanto na categorização dos fenômenos de mundo, como na organização do próprio sistema linguístico e, assim, permite essa relação a partir de sua proximidade significativa.

E Acosta *et al.* (2006) destacam que, para analisar o conteúdo da linguagem, é preciso ter conhecimento quanto aos aspectos formais e funcionais da linguagem, pois, tanto na avaliação da morfossintaxe, quanto da pragmática, serão encontrados indicativos do desenvolvimento semântico da criança.

Zorzi (2002) chama atenção para o fato de que o aspecto semântico da linguagem pode estar prejudicado na DI, uma vez que o desenvolvimento linguístico é dependente de atividades cognitivas. Neste caso, os aspectos semânticos são limitados à construção de conhecimentos e à transferência da forma verbal para linguagem, que serão observadas pelas dificuldades de compreender, explicar, justificar, coordenar e expor os vocábulos e suas ideias.

De acordo com Acosta *et al.* (2006), para o desenvolvimento semântico da linguagem acontecer de forma adequada é preciso que haja um grau de compreensão do sujeito quanto ao nível de experiência e organização interna do conhecimento de mundo. Portanto, ao se avaliar esse aspecto, encontram-se subsídios linguísticos relacionados à compreensão de referentes concretos, conceitos e relações lógicas, expressos por meio de determinados tipos de palavras, que fazem parte do vocabulário comum ao grupo.

Uma das características encontradas nos sujeitos com DI é a presença de distúrbios de linguagem, que atingem, concomitantemente, as habilidades de oralidade, leitura e escrita.

Bezerra e Araújo (2010) relatam que o desenvolvimento da fala e pensamento da criança com deficiência intelectual ocorre de maneira lenta e irregular, em decorrência da instabilidade nas conexões entre fala e atividade cognitiva que acabam não estabelecendo termos linguísticos conscientes entre os signos (palavras) na mediação simbólica entre significado e significante.

No entanto, para analisar as competências semânticas no desenvolvimento da linguagem infantil, é necessário aplicar um protocolo de avaliação em que sejam observadas as designações dos vocábulos usuais, as não designações e os processos de substituição utilizados pelas crianças para alcançar a nomeação correta dos vocábulos e, conseqüentemente, a significação das mesmas. Para isso, sugere-se que a avaliação seja realizada através da apresentação de figuras existentes no Teste de Linguagem Infantil – ABFW, na área de vocabulário (BEFI-LOPES, 2000).

Neste protocolo de avaliação (BEFI-LOPES, 2000) foi estabelecida uma associação tipológica das substituições para diferenciar e assemelhar as unidades lexicais pela sua conceituação, permitindo a organização das substituições pelas mesmas, dentre os processos denominados como **parassinônimos** (palavras substituídas sem alteração do sentido, p. ex., *balança/peso*), **hiperônimos** (substituição de um vocábulo por outro semanticamente mais abrangente, p. ex., *sala de aula/escola*), **hipônimos** (substituição da palavra por um termo semanticamente mais restrito, p. ex., *salada/alface*), **co-hipônimos** (termos semanticamente próximos, tendo um hiperônimo em comum, p. ex., *viatura/carro de polícia*), **atributos semânticos** (palavras que são atribuídas por sua função figurativa, p. ex., *bombeiro/homem que apaga o fogo*), **modificação da categorial gramatical** (substituição da palavra por outra sintaticamente diferente, p. ex., *pinto/pintinho*), **designação de função** (termos substituídos por sua real função, p. ex., *cômoda/coisa para colocar pano*), **vocábulos foneticamente expressivos** (criação de um novo vocábulo semelhante em sua sonoridade, p. ex., *elefante/alefante*), e os **vocábulos incorretos** (substituição de um termo que não corresponde ao que foi apresentado, p. ex., *abajur/garrafa*). Essa tipologia será utilizada como parâmetro, critério de análise, embora outras nomenclaturas sejam adotadas, como as de Acosta *et al.* (2006).

Desta forma, este estudo teve como objetivo investigar o perfil das habilidades semânticas nas crianças com deficiência intelectual de grau leve.

Materiais e métodos

A pesquisa foi realizada em um centro de reabilitação, vinculado ao Governo do Estado da Paraíba, localizado na cidade de João Pessoa/PB, que promove acompanhamento multiprofissional aos portadores de vários tipos de deficiência (física, auditiva, visual, mental e múltipla), síndromes e transtornos do comportamento, da linguagem e da aprendizagem, com o objetivo de habilitar, reabilitar, profissionalizar e inserir o sujeito com necessidades educativas especiais no mercado de trabalho. São desenvolvidos, ainda, programas de prevenção e orientação familiar quanto ao aprimoramento das habilidades linguísticas e das atividades de vida diária.

O diagnóstico dos sujeitos é definido por uma equipe interdisciplinar da própria instituição, que conta com assistente social, psicólogo, enfermeiro, fonoaudiólogo, fisioterapeuta, pedagogo e médicos (neurologista, pediatra, clínico geral e cardiologista).

O presente trabalho foi desenvolvido na coordenadoria que promove a reabilitação de sujeitos com DI de grau leve e moderado (já reabilitados em suas habilidades básicas). Participaram do estudo 10 sujeitos com DI de grau leve (segundo diagnóstico fornecido pela equipe interdisciplinar da instituição), na faixa etária de 7 a 10 anos de idade, de ambos os gêneros, e que estivessem matriculados em escola regular. Foram excluídos os sujeitos que apresentaram comorbidades associadas à deficiência intelectual e os que não apresentavam frequência regular no serviço de reabilitação.

Inicialmente, foi realizado contato com as fonoaudiólogas da coordenadoria, para apresentação do estudo, para então ser iniciada a seleção dos sujeitos, de acordo com o diagnóstico e com a frequência aos atendimentos da instituição. Após a seleção, todos os responsáveis pelos sujeitos selecionados foram contatados e solicitados para assinar um termo de consentimento livre e esclarecido.

O instrumento da pesquisa foi estabelecido pela utilização da prova de vocabulário do Teste de Linguagem Infantil conhecido como ABFW. A avaliação do vocabulário (aspecto linguístico semântico), elaborada por Befi-Lopes (2000), relaciona-se aos mecanismos utilizados pelas crianças para designação dos vocábulos e para os recursos de significações, na tentativa de nomear as palavras-alvo, permitindo uma análise do grau de desenvolvimento semântico da criança.

O teste foi realizado através da apresentação de um álbum com 116 figuras, adaptadas ao meio linguístico-cultural do público em estudo, relacionadas a nove campos conceituais, em uma ordem sequencial: (1) vestuário, (2) animais, (3) alimentos, (4) meios de transporte, (5) móveis e utensílios, (6) profissões, (7) locais, (8) formas e cores, e (9) brinquedos e instrumentos musicais, estruturados e organizados no *software*

PowerPoint for Windows, como também em fichas avulsas, e apresentadas por meio de um *notebook*. O procedimento foi registrado em áudio para posterior análise.

A coleta de dados foi realizada com os sujeitos em horário previamente marcado com os responsáveis e acordado com a coordenação do setor. Os procedimentos foram realizados em um local pouco ruidoso, para aperfeiçoar a qualidade da gravação, favorecendo a análise e transcrição das informações pesquisadas.

Os dados coletados foram analisados de forma quantitativa e, posteriormente, de forma qualitativa, relacionando-os ao uso dos vocábulos na oralidade das crianças com DI. Logo, para melhor especificar a análise, foi necessário estabelecer uma variável linguística referente aos processos semânticos, seguindo as orientações do protocolo de avaliação da competência lexical (ABFW), estabelecendo uma porcentagem das **Designações Verbais Usuais (DVU)** (palavras ou vocábulos utilizados de forma correta e coerente ao vocabulário da língua materna do indivíduo), das **Não Designações Usuais (NDU)** (palavras ou vocábulos não utilizados no vocabulário da língua materna do indivíduo) e dos **Processos de Substituição (PS)** (palavras ou vocábulos que sofreram uma permuta, mantendo a intenção e função no vocabulário da língua materna do indivíduo) referentes a cada vocábulo correspondente ao campo conceitual.

Foi analisada, concomitantemente, a ocorrência dos processos de substituição quanto a suas tipologias e processos semânticos (designações ou substituições) (BEFI-LOPES, 2000): parassinônimos; hiperônimos imediatos e não imediatos; hipônimos; co-hipônimos próximos e distantes; atributos semânticos pertinentes e não pertinentes; modificação da categoria gramatical; designificação de função; vocábulos foneticamente expressivos e vocábulos incorretos. Então, ao analisar as amostras colhidas, foi obtida uma porcentagem de acertos, erros e substituição dos vocábulos pela produção da linguagem oral (expressão) dos sujeitos.

A pesquisa apresentou delineamento observacional, descritivo e transversal, do tipo série de casos. A coleta de dados foi realizada no período de abril a julho de 2010 e foi iniciada após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW), sob o nº 443/09.

Resultados e discussão

Entre os participantes do estudo, o índice de designação usual variou entre 52,59% e 77,59%, com média geral de uso de vocábulos usuais de 65,60% (Tabela 1), um índice baixo, mostrando que os sujeitos com DI possuem dificuldades em empregar de maneira consciente e voluntária o conceito ou significante real da palavra.

Na Tab. 1, pode-se verificar ainda que os sujeitos da pesquisa apresentaram 26,29% de substituições, sendo que algumas delas se referiram a variação linguística.

Tabela 1 – Distribuição dos participantes da pesquisa em relação à forma de designação das palavras (João Pessoa, 2010).

Participantes	DVU		NDU		PS		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Sujeito 1	69	59,48%	23	19,83%	24	20,69%	116	100%
Sujeito 2	84	72,41%	4	3,45%	28	24,14%	116	100%
Sujeito 3	78	67,24%	18	15,52%	20	17,24%	116	100%
Sujeito 4	80	68,96%	8	6,90%	28	24,14%	116	100%
Sujeito 5	74	63,79%	15	12,93%	27	23,28%	116	100%
Sujeito 6	90	77,59%	2	1,72%	24	20,69%	116	100%
Sujeito 7	85	73,28%	3	2,58%	28	24,14%	116	100%
Sujeito 8	77	66,38%	11	9,48%	28	24,14%	116	100%
Sujeito 9	63	54,31%	3	2,59%	50	43,10%	116	100%
Sujeito 10	61	52,59%	7	6,03%	48	41,38%	116	100%
Total	761	65,60%	94	8,12%	305	26,29%	1160	100%

Legenda: DVU – Designações dos Vocábulos Usuais

NDU – Não Designações Usuais

PS – Processos de Substituição

Observou-se a relação entre a idade dos sujeitos e os resultados encontrados no teste de vocabulário expressivo (Tab. 2). Foi percebida, de forma geral, uma relação entre o aumento da idade e o aumento do percentual de DVU, concordando com o estudo de Befi-Lopes, Gândara e Felisbino (2006), que realizaram esta prova com crianças com alteração no desenvolvimento da linguagem (ADL). Exceção a esta relação foram o sujeito 2 (com 7 anos de idade e apresentou um dos maiores percentuais de DVU: 72,21%) e os sujeitos 9 e 10 (que possuem 10 anos de idade e apresentaram os menores índices de DVU: 54,33% e 52,38%, respectivamente).

Na Tab. 2, verifica-se que o índice de NDU quanto ao vocabulário das crianças com deficiência intelectual foi alto em alguns sujeitos (especialmente os sujeitos 1, 3 e 5), em comparação com os demais participantes da pesquisa e com o percentual de DVU.

Observou-se, ainda, entre os sujeitos, que sua escolaridade não corresponde à faixa etária compatível ao período escolar, que, segundo a Lei de Diretrizes e Bases, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, referente ao Ensino Fundamental (MEC, 2010): aos 7 anos de idade, a criança deve estar matriculada no 2º ano; no 3º ano, com 8 anos; no 4º ano, com 9 anos; e no 5º ano, com 10 anos de idade.

Na perspectiva da Educação Inclusiva, fazendo parte uma escola regular, esses sujeitos deveriam se encontrar nas séries escolares correspondentes à sua faixa etária e

realizar atividades complementares para desenvolver as habilidades dos conteúdos escolares, ou mesmo, participando de turmas de AEE (Atendimento Educacional Especializado), ou ainda, das salas de recursos existentes na maior parte das escolas regulares no ensino público brasileiro.

Algumas vezes, as mães acabam se frustrando na tentativa de incluir seus filhos nas escolas regulares do ensino público e, então, recorrem às escolas particulares, que se submetem a dar um acompanhamento mais especializado, mesmo não sendo o adequado, nem direcionado às especificidades do processo de aprendizagem na criança com DI.

Ao analisar os dados da Tab. 2, relacionados ao índice de processos de substituição, observa-se que há uma porcentagem maior, referente à substituição das palavras do vocabulário, em dois sujeitos com dez anos de idade. Em compensação, os demais sujeitos da pesquisa encontram-se em porcentagens semelhantes quanto às trocas dos significados (PS) das palavras, referente ao que foi apresentado no momento da coleta.

Tabela 2 – Distribuição dos participantes da pesquisa em relação à idade, sexo, escolaridade e percentual de DVU, NDU e PS (João Pessoa, 2010).

Participantes	Idade	Sexo	Escolaridade	DVU	NDU	PS
Sujeito 1	7	Masculino	Jardim III	59,48%	19,83%	20,69%
Sujeito 2	7	Feminino	Jardim III	71,45%	4,42%	24,13%
Sujeito 3	9	Feminino	1º ano	67,24%	15,52%	17,24%
Sujeito 4	9	Feminino	1º ano	68,98%	6,89%	24,13%
Sujeito 5	9	Feminino	1º ano	63,79%	12,93%	23,28%
Sujeito 6	10	Masculino	1º ano	77,58%	1,76%	20,66%
Sujeito 7	10	Masculino	3º ano	73,28%	2,59%	24,13%
Sujeito 8	10	Feminino	1º ano	66,39%	9,48%	24,13%
Sujeito 9	10	Masculino	2º ano	54,61%	2%	43,39%
Sujeito 10	10	Feminino	1º ano	52,36%	6%	41,64%

Legenda: DVU – Designações dos Vocábulo Usuais

NDU – Não Designações Usuais

PS – Processos de Substituição

Quando analisada a tipologia dos processos de substituição que os sujeitos da pesquisa apresentaram, verificou-se predominância da substituição do tipo co-hipônimo próximo nos campos semânticos de vestuário e meios de transporte para a maior parte dos sujeitos com DI. Já no campo semântico de animais, houve predominância da substituição do tipo modificação da categoria gramatical (Tab. 3).

Outra observação relevante é que dois sujeitos de idade e escolaridade diferentes realizaram substituição em todas as categorias semânticas, o que sugere que o

conhecimento semântico não é previsível, levando em consideração o tempo de estimulação e o diagnóstico precoce.

Além disso, no campo semântico de meios de transporte, todos trocaram a mesma palavra na mesma tipologia de processo de substituição (viatura = carro de polícia), pela falta de conhecimento do conceito real da verdadeira palavra, já que a palavra “viatura” não é usada no vocabulário comum da população da pesquisa.

Outro fator relevante na análise foi o fato de que poucos sujeitos com DI apresentaram processos de substituição dos tipos vocábulos incorretos e foneticamente expressivos, o que mostra que essas crianças, apesar das dificuldades, possuem condições cognitivas apropriadas para conservar atos comunicativos. Assim, pode-se ressaltar a importância de todos estarem inseridos no âmbito escolar de forma regular, mesmo que em série não correspondente à sua idade.

Estes processos de substituição, ao invés dos vocábulos incorretos, podem ser decorrentes da sociabilização que a criança com DI realiza efetivamente com grupos linguisticamente competentes, automatizando e potencializando seus conhecimentos semânticos.

Na análise apresentada na Tab. 3 são apresentados os processos de substituição que tiveram maior predominância em campo conceitual por sujeito, considerando que vários sujeitos apresentaram mais de um processo em cada campo conceitual.

Tabela 3 – Distribuição dos participantes da pesquisa em relação à predominância dos processos de substituição (João Pessoa, 2010).

SUJEITOS	S1	S2	S3	S4	S5	S6	S7	S8	S9	S10
CAMPO CONCEITUAL										
Vestuário	CHP	-	CHP	CHP	CHP	CHP	CHP	CHP	CHP	-
Animais	MCG	-	MCG	MCG	-	MCG	MCG	MCG	MCG	ASNP
Alimentos	-	CHP	-	HI	-	HNI	-	-	CHP	ASNP
Meios de Transporte	-	CHP	-	-	-	CHP	CHP	CHP	CHP	CHP
Móveis e utensílios	HNI	CHP	-	-	-	HNI	HNI	CHP	DF	HI
Profissões	ASP	CHP	MCG	P	ASP	DF	CHP	DF	ASNP	-
Locais	-	-	H	CHP	-	HI	ASNP	-	DF	-
Formas e cores	-	ASP	-	-	-	ASP	-	-	CHD	-
Brinquedos e instrumentos musicais	CHD	-	-	CHP	CHP	DF	-	CHP	DF	DF

Legenda: S – sujeito; ASP – Atributos Semânticos Pertinentes; ASNP – Atributos Semânticos Não Pertinentes; CHP – Co-Hipônimo Próximo; CHD – Co-Hipônimo Distante; DF – Designações de Funções; H – Hipônimo; HI – Hiperônimo Imediato; HNI – Hiperônimo Não Imediato; MCG – Modificação da Categoria Gramatical; P – Parassinônimos.

Percebeu-se a prevalência de alguns processos de substituição em determinados campos conceituais distintos, a exemplo do co-hipônimo próximo, na categoria “vestuário”, e da modificação da categoria gramatical na categoria “animais”. De forma geral, o processo de substituição mais frequente na população estudada foi o processo de co-hipônimo próximo.

Alguns sujeitos não mostraram predominância de algum processo de substituição, revelando um vocabulário diversificado e compreensivo ao meio social em que estão inseridos, assim, facilitando o desenvolvimento da aprendizagem educacional em propostas inclusivas.

Considerações finais

Os resultados do teste de vocabulário, na investigação do desenvolvimento semântico em crianças com DI, revelaram dificuldades na aquisição e desenvolvimento da linguagem oral, inerentes ao próprio quadro da DI, visto que a linguagem depende de funções cognitivas, que estão afetadas nesses casos.

Assim, os participantes deste estudo mostraram um perfil comunicativo, no que se refere ao desenvolvimento semântico, diferente das crianças com desenvolvimento típico, mas que pode ser otimizado através de intervenção clínica direcionada, com orientação e estimulação dos processos educacionais, estabelecendo uma qualidade linguística funcional, visto que, embora diferente, o atraso não se mostrou tão discrepante.

O índice de designações usuais (DVU) das palavras foi maior do que a porcentagem de processos de substituições (PS) das palavras, que, por sua vez, foi maior do que o índice de designações não usuais (NDU), o que mostra que a linguagem do sujeito com DI, apesar de alterada, mostra-se compreensível. Isto também sinaliza para os benefícios do contínuo atendimento especializado, nas áreas da saúde e educação, como também para a possibilidade e importância de incluir as crianças com DI em âmbito escolar regular.

Através desse estudo, percebe-se a relevância de se realizar outros sobre o desenvolvimento da linguagem da pessoa com DI, não só em relação a questões semânticas, mas relacionados também aos aspectos pragmático, morfossintático e fonológico, contribuindo para uma melhor compreensão das particularidades desses sujeitos no processo de aquisição da linguagem infantil e aprendizagem escolar.

No entanto, deve-se levar em consideração a necessidade da realização de um novo protocolo de avaliação da linguagem infantil adequado às condições regionais (geográficas), nível socioeconômico e patologia específica, para diagnóstico diferencial, adequando o vocabulário semântico aos atos comunicativos, e, assim, proporcionando uma eficácia das condições cognitivas do deficiente intelectual. Logo, haverá uma contribuição efetiva no processo de inclusão escolar, contexto sociofamiliar e planejamento terapêutico direcionado ao desenvolvimento da aprendizagem dos sujeitos levados à pesquisa.

Referências

ACOSTA, V. M. *et al.* **Avaliação da linguagem**: teoria e prática do processo de avaliação do comportamento linguístico infantil. São Paulo: Santos, 2006.

BEFI-LOPES, D.M. Vocabulário. *In*: ANDRADE, C.R.F. *et al.* **ABFW**: teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática. Carapicuíba: Pró-Fono, 2000. p. 41-60.

BEFI-LOPES, D.M.; GÂNDARA, J.P.; FELISBINO, F.S. Categorização semântica e aquisição lexical: desempenho de crianças com alteração do desenvolvimento de linguagem. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 155-61, abr./jun. 2006.

BEZERRA, G.F.; ARAÚJO, D.A.C. Falar é preciso: algumas reflexões sobre o desenvolvimento cognitivo da linguagem em crianças com deficiência intelectual. **Interfaces da Educação**, Parnaíba, v. 1, n. 2, p. 44-54, 2010.

BRASIL. Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 11 jan. 2011.

FERNANDES, E. Teorias de aquisição da linguagem. *In*: GOLDFELD, M. **Fundamentos em fonoaudiologia**: linguagem. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. p. 1-14.

OLIVEIRA, R.P. Semântica. *In*: BENTES, A.C; MUSSALIM, F. **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001.v. 2, p. 17-67.

TONIETTO, L. *et al.* Aquisição inicial do léxico verbal e aproximações semânticas em português. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 114-23, 2007.

ZORZI, J.L. **A intervenção fonoaudiológica nas alterações da linguagem infantil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

Recebido em: 10/10/2014

Aprovado em: 13/10/2014

Para referenciar este texto:

PEREIRA, Gabriela de Souza Lima; VOGLEY, Ana Carla Estellita; ANDRADE, Wagner Teobaldo Lopes de. Perfil das habilidades semânticas na oralidade de sujeitos com deficiência intelectual, **Lumen**, Recife, v. 24, n. 1, p. 73-83, jan./jun. 2015.